

Uma semana carolina: mostras do manuscrito autógrafo número 11

Milena Paixão da Silva¹

Os fortes quando decidem vencer, vencem²: algumas considerações iniciais

EM 1963, CAROLINA MARIA DE JESUS PUBLICOU, COM RECURSOS PRÓPRIOS, SEU LIVRO DE PROVÉRBIOS. A simplicidade da publicação vai na contramão da potência dos escritos que compõem o livro. As dezenas de provérbios nele inscritos divulgam ensinamentos de uma mulher que recolheu impressionantes experiências ao longo da vida e que encontrou, nessas experiências, outras maneiras de existir.

Não surpreende que muitos dos seus provérbios imprimam sábios conselhos sobre a necessidade de tornar-se forte frente às vicissitudes do cotidiano, como revela a máxima que compõe a construção destas parcas linhas. Embora o desespero não raramente batesse à porta do barraco de número 9, da Rua A, no Canindé, a escritora Carolina Maria de Jesus buscou manter-se forte, decidiu vencer, pois tinha pelo menos duas grandes vitórias a serem conquistadas: criar os três filhos com dignidade e viver da sua arte, da arte da escrita.

Sua trajetória não foi o que se considera convencional. Enquanto mulher negra, com poucos anos de estudos formais e moradora de favela, esperava-se que Carolina fosse comedida, submissa e ignorante, mas ela não coube nessas caixas. Seu corpo constantemente performatizava na contramão do que lhe era esperado. Assim, os textos publicados mostram que ela foi exuberante, independente e sábia. E o que mostram seus manuscritos?

O diferencial de Carolina parece apoiar-se na compreensão, ainda em tenra idade, da importância do domínio do código escrito. Frequentou a escola por apenas dois anos no Instituto Allan Kardec, atual Colégio Eurípedes Barsanulfo em Sacramento/MG, cidade onde nasceu por volta de 1914. O diminuto tempo na escola, contudo, foi decisivo para seu autoconhecimento, entendimento do mundo e de sua arte.

Dominar a leitura e a escrita mostrou-se um diferencial, inclusive para seus pares na favela. Se por um lado, os vizinhos pareciam não aceitar com tranquilidade a ideia de que Carolina, tão próxima da realidade que todos viviam, se mantivesse tão distante; por outro, dona de si, Carolina não podia ver seus vizinhos como iguais, até por conta da condição que a diferenciava, a condição de escritora.

No equilíbrio entre garantir o alimento diário para o corpo e para a alma, enquanto morou no Canindé, Carolina registrou em cadernos reaproveitados o cotidiano que a cercava. Esses escritos fazem parte de duas obras publicadas pela Editora Francisco Alves, *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960) e *Casa de Alvenaria: diário de uma ex-favelada* (1961).

Diante de uma produção vastíssima, que passeia por poesia, contos, romances, peças teatrais, canções etc., e que muito ainda carece de estudos e publicação, nos interessa pensar, neste trabalho, o quanto de Carolina podemos vislumbrar através da leitura de um recorte de seus registros, compreendido por uma semana de entradas de diário correspondente ao manuscrito do caderno de número 11, que faz parte da publicação de sua primeira obra.

¹ Doutoranda do PPG Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia. Contato: millapaixao7@yahoo.com.br

² Máxima que faz parte do livro *Provérbios*, de Carolina Maria de Jesus, 1963, p. 20.

A proposta é conhecer Carolina pela escrita de Carolina, sem o intermédio dos processos de edição. A relevância de se estudar os manuscritos da escritora se dá, dentre outros motivos, por entender que, como sinaliza a Crítica Genética, “[...] não é o texto final que está no centro de interesse, mas a escritura que se está fazendo, com suas infinitas dependências, com suas pertinências, bem como com suas impertinências”³. Em outra obra, a autora aponta que os manuscritos modernos são documentos que testemunham o processo de criação do artista, sendo um objeto, material, cultural e de construção e compartilhamento de conhecimento⁴.

Em acordo com a potência de significação do provérbio em destaque, busca-se pensar na possibilidade não só de compreender o processo de criação do artista, mas a força e caracterização do próprio artista por meio dos seus manuscritos. Desta forma, sob a ótica da Crítica Genética, que desloca a interrogação crítica da autoria para o/a escritor/a, do escrito para escritura, da estrutura para o processo e da obra para a gênese, questiona-se: o que as páginas autógrafas do caderno de número 11 de Carolina Maria de Jesus nos revelam sobre Carolina Maria de Jesus?

Os manuscritos de Carolina: um grande acervo, várias moradas

Os manuscritos originais da produção caroliniana não coabitam em uma única morada. Segundo pesquisa de Sérgio Barcellos, que compõe a publicação do livro *Vida por Escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus* (2015), algumas renomadas instituições, em maior ou menor volume, são responsáveis pela guarda, manutenção e disponibilização do acesso a cadernos autógrafos e a uma diversidade de documentos da escritora.

De acordo com o pesquisador, o Arquivo Público Municipal de Sacramento/MG, Cônego Hermógenes Cassimiro de Araújo Brouonswik, conta em seu acervo, Fundo Carolina Maria de Jesus, com 37 cadernos autógrafos de conteúdo variando entre entradas de diário, romances, poemas etc., dentre outros documentos. O material fora doado pela filha da escritora Vera Eunice de Jesus Lima, em 1999. Pelo tipo de documento e datas de registro, conclui-se que os manuscritos originais da cópia digital que se analisa neste trabalho fazem parte desse Fundo.

Ainda segundo o guia, em Minas Gerais, no Acervo de Escritores Mineiros (AEM), localizado na Biblioteca Universitária do Campus da Pampulha da UFMG, encontram-se 10 rolos de microfimes idênticos aos existentes na Biblioteca Nacional e na *Library of Congress* e 1 rolo de filme com o documentário *Favela*, que foram doados pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy. Além disso, existem 2 cadernos autógrafos no Arquivo Carolina Maria de Jesus, no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, fruto de doação de Clélia Pisa. Há também 1 caderno autógrafo, contendo entradas de diários, doado por Audálio Dantas ao Museu Afro Brasil, localizado em São Paulo.

Diferentes municípios e/ou instituições em três estados brasileiros abrigam manuscritos de Carolina; acessá-los, então, para muitos pesquisadores é estar em trânsito. Esse aspecto, contudo, parece aproximar-se da própria vida da escritora, que teve a infância e adolescência marcadas pelo deslocamento de fazenda em fazenda, de cidade em cidade, no interior de Minas Gerais, como prestadora de serviços domésticos. E, mesmo após a “mudança” para o Canindé, Carolina diariamente permanecia em trânsito entre a favela, nomeada por ela como quarto de despejo e o centro da cidade, descrita como sala de visitas.

³ GRÉSILLON, A. Alguns pontos sobre a história da Crítica Genética. *Estudos Avançados*. São Paulo, USP, 1991, p. 7-18. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100002>, p. 9.

⁴ GRÉSILLON, A. Como constituir e ler um dossiê genético? *Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al.. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007 [1994]. p. 147-187.

Zular (2002) aponta que, de forma curiosa, o surgimento da Crítica Genética ocorre em simultaneidade com o que se considera como era da informática. Embora o autor esteja referindo-se, nessa discussão, à expansão das possibilidades textuais através das hipertextualidades, nota-se um outro aspecto comemorativo desse duplo nascedouro: a difusão, mesmo que em passos iniciais de acervos de manuscritos na rede.

Nessa perspectiva, mostram-se relevantes as iniciativas, como a desenvolvida pela Biblioteca Nacional, que visam digitalizar e disponibilizar em rede parte de seu acervo, democratizando, assim, o acesso a vários documentos. É tal iniciativa que permite a realização deste estudo, uma vez que o caderno autógrafa⁵ utilizado para análise em curso está disponível no site da instituição.

A Coleção Carolina de Jesus, da Biblioteca Nacional é composta por 14 cadernos autógrafos, que abrigam diversificados escritos. Além de 11 rolos de microfilme, igualmente com escritos diversificados e 22 fotografias. Registra-se como forma de entrada a doação realizada pela filha da titular, Vera Eunice de Jesus Lima e Audálio Dantas.

Caderno de número 11: um passeio panorâmico

Inicialmente é necessário fazer a descrição do documento que foi encontrado para a realização deste estudo. De forma ampla, Grésillon nomeia a reunião desse tipo de documento como dossiê genético, conceituando que se trata de “um conjunto constituído pelo que podem ser atribuídos *a posteriori* a um projeto de escritura determinado cujo fato de resultar ou não num texto publicado importa pouco”⁶.

Para a autora, na construção do dossiê algumas tarefas são fundamentais para o trabalho do geneticista, como: localizar e datar as fontes de informações, tentando resolver, por meio dos rastros disponíveis no documento, possíveis divergências; classificar e decifrar os documentos, buscando indícios na leitura do objeto, percepção visual global e na decifração linear; além da transcrição dos documentos, utilizando o método mais adequado para cada estudo; e, por fim, a edição.

Este trabalho não dispõe de vários documentos para análise, apenas o caderno de número 11 de Carolina Maria de Jesus, mas sua descrição parece ser necessária. Segundo Barcellos⁷, as informações do arquivo atestam que a autenticidade do documento é original, o estado de conservação é classificado como regular e os temas de escrita abordados referem-se à favela e condições sociais.

Na parte superior esquerda da capa do caderno aparecem pequenas marcações em etiquetas brancas que indicam uma outra numeração do caderno (nº 5), o número de páginas (96) e data (DEZ 58). Porém, dentro de uma caixa de texto, aparece a inscrição do numeral 11 em caneta de tinta azul, possivelmente escrito pela autora; a inscrição do ano de 1958, grafado em caneta de tinta vermelha e destacado por um círculo e, em caneta azul, outra inscrição do número do caderno e data (caderno nº 11 -/ 1958).

O desenho impresso na capa é em padrão vermelho com linhas circulares, tendo como destaque a figura de um super-herói, acompanhado da palavra GIGANTE. O padrão de linhas

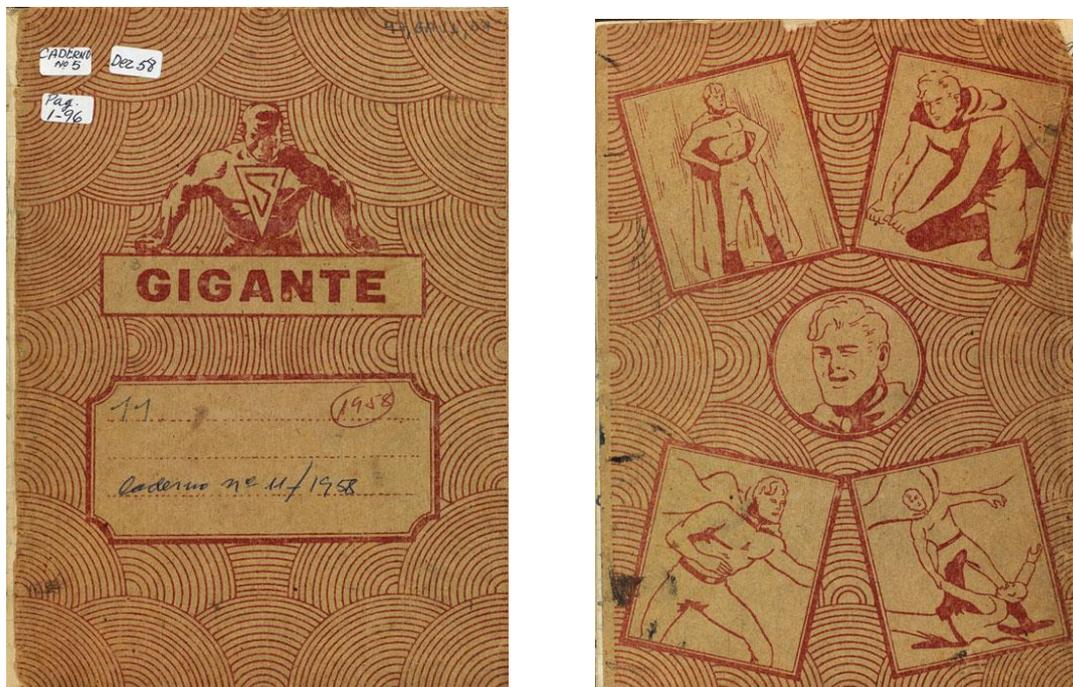
⁵ Caderno número 11 de Carolina de Jesus. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervodigital>. Acesso em: outubro de 2018.

⁶ GRÉSILLON, A. Como constituir e ler um dossiê genético? Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al.. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007 [1994]. p. 150.

⁷ BARCELLOS, S. (Org.). Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus. Sacramento, MG: Bertolucci editora, 2015, p. 112.

circulares é mantido na última folha do documento, com desenhos impressos de variados super-heróis. Essas características levam a supor que se trata de um caderno infantil, reutilizado pela escritora. No canto superior direito da capa, em caneta de tinta azul, inscrevem-se os dados de localização do documento no acervo da biblioteca (47, GAV1, 07).

Figuras 1 e 2:



(JESUS, 1958)

As folhas do caderno são pautadas e a primeira não apresenta título, parece ser a continuação de um escrito anterior. A partir da segunda folha há o registro de entradas de um diário iniciado no dia 05 de dezembro de 1958 e finalizado no dia 19 de dezembro de 1958; dessa forma, 14 dias de registro. No canto superior direito de cada página aparece a indicação de paginação feita pela escritora com o numeral 11 (certamente referência ao número do caderno) e o número de cada página, seguindo o padrão (11-1, 11-2, 11-3...).

Identifica-se um salto na paginação (11-33) para (11-36), entretanto, não há perda de escrita já que o texto segue coerentemente após o salto, o que indica possivelmente apenas um equívoco na numeração da página. A peculiaridade da paginação aponta que Carolina era meticulosa com seus instrumentos de registro de produção. Tais inscrições demonstram a consciência que tinha dos seus manuscritos. Numerar as páginas é, decerto, uma atitude de precaução frente à ideia de um possível desmembramento do caderno. Em vista da confirmação de sua extrema organização, que outros detalhes do perfil de Carolina o manuscrito aponta?

Carolina Maria de Jesus por Carolina Maria de Jesus: descrição e análise do prototexto

A análise de 96 páginas autógrafas, possivelmente, seria demasiada para a proposta deste trabalho; por isso, foi necessário fazer um recorte. Contudo, tal recorte não poderia ter sido feito aleatoriamente; ele precisava ter sentido e objetividade. Dessa forma, montou-se o que a Crítica Genética compreende por prototexto.

Para essa área do conhecimento, muito mais do que um conjunto de papéis, o prototexto é uma construção intelectual, que dá conta da produção crítica do/a pesquisador/a sobre o sujeito e/ou objeto escolhido para a investigação. De acordo com Biasi, “o prototexto deixa transparecer uma imagem móvel, muito mais hipotética e por vezes mais rica, daquilo que o texto publicado oferecerá à leitura como sendo sua verdade, após várias modificações”⁸. O autor também discute sobre os tipos de transcrição e, por tratar-se de um volume de mais de 30 páginas autógrafas, para este trabalho, optou-se ora pela visualização de fac-símile, ora pela transcrição diplomática de passagens do documento.

A descrição do documento apontou para a disponibilidade de analisar duas semanas da vida de Carolina. Selecionou-se, no entanto, uma dessas semanas, a primeira do manuscrito. Tal registro é composto por entradas, que vão do dia 05 ao dia 12 de dezembro do ano de 1958. Mas o que investigar nesse documento? Como apontado pela pesquisa de Barcellos⁹, informações no arquivo na Biblioteca Nacional indicam que os temas de escrita do manuscrito referem-se à favela e condições sociais, mas será que é só isso?!

Acredita-se que a nossa escrita pode revelar muito de nós mesmos. A seleção temática e de vocabulário, a perspectiva dos temas selecionados, o acionamento de outros textos com quem dialogar, o volume de escrita. Enfim, todos esses aspectos na escritura podem dar pistas de como somos e vemos o mundo. Nesse sentido, parte-se do princípio que seria possível conhecer Carolina por meio da sua escrita, ainda mais devido ao gênero dessa escrita - diário.

Mostra-se notório, por exemplo, o dado momento em que Carolina demonstra estar em conflito com o filho mais velho e também quando a rusga não mais se manifesta. No relato do dia 05/12, é empregado o tratamento de ‘senhor’ para o filho João: “A Vera foi quem ajudou-me. porque o senhor João, o meu filho. não quiz ir. Foi nadar”¹⁰. Já no dia 10/12, a suposta formalidade não é mais empregada “Mande o João comprar açúcar”, ou ainda, “Não tem aula. eu sair e dêixe a Vera com o João”. (JESUS, 1958, p. 24).

Por outro lado, a forma de escrita também pode servir de auxílio para ocultar o que não se deseja revelar, como por exemplo, o presumível relacionamento amoroso que Carolina mantinha com o Senhor Manoel. “Amanha eu vou passar apuro. O senhor Manoel surgiu e deu-me 50. E deu dinheiro aos filhos. Fiquei mais tranquila”¹¹. O mesmo termo, nesse contexto, camufla o que a escrita não deve revelar.

As entradas do diário falam sim de favela e de condições sociais. Mas falam da favela na qual Carolina era moradora e das condições sociais nas quais Carolina vivia. Dessa forma, as entradas do diário falam de Carolina, do seu jeito de ser e de ver o mundo; falam das batalhas que travou pela sobrevivência e pelo reconhecimento do seu talento enquanto agente social: seu talento enquanto escritora.

⁸ BIASI, P. O horizonte genético. In: ZULAR, R. (Org). Criação em processo: ensaios de crítica genética. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 221.

⁹ BARCELLOS, S. (Org.). Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus. Sacramento, MG: Bertolucci editora, 2015

¹⁰ JESUS, C. Manuscrito: caderno de nº 11, 1958, p. 4.

¹¹ Ibidem, p. 10-11.

Parece pertinente, então, realizar uma leitura não apenas do processo de criação da escritora, mas dela própria enquanto sujeito de uma escrita de si e dos seus. Por isso, retorna-se ao questionamento: o que é possível vislumbrar de Carolina Maria de Jesus acompanhando os relatos de uma semana da sua vida? Possíveis respostas são desenvolvidas na discussão que se segue.

Como já mencionado, o caderno de número 11 apresenta duas semanas de registro de um diário, num total de 94 páginas autógrafas. O total de páginas escritas da semana selecionada é de 35, bem menos da metade do documento. A primeira entrada em estudo, dia 05 de dezembro, corresponde, no calendário de 1958, a uma sexta-feira e apresenta um dos maiores volume de escrita da semana, com um total de 7 laudas.

Esse volume cai nos dias seguintes: 2 laudas no dia 06/12 (sábado), 2 laudas no dia 07/12 (domingo) e 3 laudas no dia 08/12 (segunda-feira). Na terça-feira, dia 09/12, o volume volta para o número de 7 laudas e no dia 10/12 é registrado um volume ainda maior de escrita, com 8 laudas. Nos dias 11/12 e 12/12 (quinta-feira e sexta-feira), fechando a semana, o volume retorna para 2 ½ e 3 ½ laudas, respectivamente.

É significativo observar que a rotina diária sofre pouca alteração, mesmo quando são registradas as atividades do sábado, do domingo e do feriado¹², confirmado pela passagem “Que bom! Hoje é feriado. Não tem fila”¹³. Já em volume de escrita, esses dias apresentam números que variam entre 2 e 3 laudas. Mesmo considerando todo o manuscrito, não é observada nenhuma referência à proximidade do Natal, embora o último dia de registro seja 19/12, cinco dias antes da celebração natalícia.

O registro da semana em estudo indica que Carolina era madrugadeira, quase sempre deixava o leito às 4 horas da manhã. Essa rotina é justificada pela necessidade de se conseguir água, uma vez que um único ponto de água era compartilhado por uma legião de moradores do Canindé, “Devido ter so uma torneira eu prefiro levantar mais cedo para evitar as polêmicas”¹⁴. Elemento base da existência da vida, a água, ou melhor, a escassez dela, era sempre motivo de conflitos entre os moradores da favela “E a Mãe deu-lhe uma surra. - Brigaram por causa da água”¹⁵.

Contudo, Carolina optava sempre por desviar-se de discussões que considerasse banais, primava geralmente pela paz e pelo silêncio, até porque essas são práticas importantes para o exercício da leitura e da escrita. Em uma passagem do manuscrito ela cita “[...] não aprecio as polemicas. Eu so discuto as grandes noticias. Eu acho tolice discutir brigar por causa de água”¹⁶.

Dona de uma grafia de desenho arredondado e bem feito, as rasuras no manuscrito de Carolina são raras, contabilizam-se apenas 6 ao longo das 35 páginas analisadas e conclui-se que a grande maioria delas seja por causa da tentativa de autocorreção da grafia. Para um estudo genético, esse quantitativo pode parecer decepcionante. Entretanto, é preciso primeiramente pensar no jeito de ser de Carolina e da sua escrita fluida. As leituras literárias que a escritora acessava tinham como referência a formalidade da língua e ela buscava empenhar-se em seguir essa formalidade, daí o rebuscamento da sua linguagem, como em “Dêixei o leito as 4 horas [...]”¹⁷.

Outro aspecto que merece ser destacado quanto ao número de rasuras é, como dito anteriormente, a batalha que Carolina travava pelo reconhecimento do seu talento enquanto escritora e agente social. Passar a limpo sua escrita era o mecanismo de manter os manuscritos organizados para a tão buscada e desejada publicação, assim como uma forma de fazer cópias do

¹² 08 de dezembro, feriado católico que celebra o dia da Imaculada Conceição.

¹³ JESUS, C. Manuscrito: caderno de nº 11, 1958, p. 14.

¹⁴ Ibidem, p. 17.

¹⁵ Ibidem, p. 19.

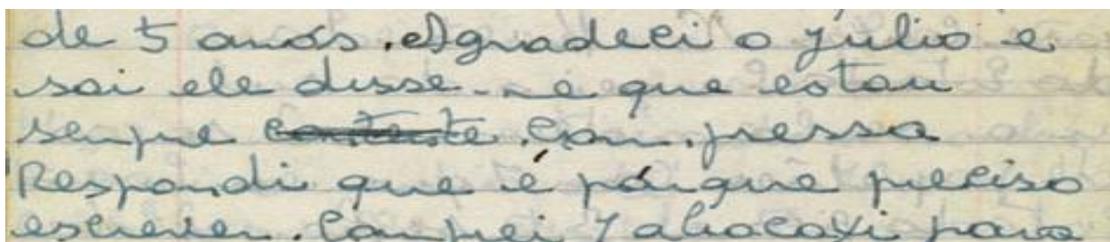
¹⁶ Ibidem, p. 2.

¹⁷ Ibidem.

texto, num possível gesto de tê-las sempre disponíveis para a entrega a quem a ajudasse a publicá-las.

Contudo, uma rasura chama atenção. Trata-se da rasura inscrita na entrada do dia 06/12, página 10, como mostra a imagem do manuscrito no recorte que segue.

Figura 3:



(JESUS, 1958, p. 10)

A substituição de ‘contente’ pela expressão ‘com pressa’ poderia tratar-se de um episódio de confusão na escrita? Em várias passagens do manuscrito estudado, Carolina registra estar triste: “Hoje eu estou triste”¹⁸, “Eu hoje estou muito triste”¹⁹, “Eu hoje estou triste! O motivo da minha tristeza é o custo de vida”²⁰, “Eu ando tão triste penso nas crianças do Brasil que estão morrendo de fome”²¹.

As quatro passagens destacadas referem-se a quatro dias diferentes da semana em estudo. Mesmo com essa recorrência nos escritos seria possível que ‘Júlio’ tivesse, de fato, mencionado um suposto estado de contentamento da escritora? Obviamente, que uma pessoa psicologicamente saudável tende a expressar diferentes sentimentos ao longo do dia, de acordo com as percepções que lhe chegam. Mas a expressão ‘sempre’, intensificando o aspecto de ‘contente’, parece não fazer parte do contexto descrito por Carolina, nesta semana, em particular. Ela expressa verbalmente um estado de tristeza na página 11 e a fala de ‘Júlio’ é registrada na página 10, ambas se referem ao mesmo dia da semana - 06/12.

Todavia, alguns aspectos devem ser levados em consideração ao pensar essa rasura. O primeiro é que o gênero de produção dessa escritura é o diário. Ele tem como função, em tese, realizar o registro de eventos/acontecimentos reais e é percebido, ao longo do manuscrito, o cuidado da escritora em relatar fidedignamente seu dia a dia, indicando nomes, datas e locais. Mas o trabalho exaustivo enquanto catadora de material reciclável, certamente, pesava nos momentos dedicados à produção escrita. E, justamente, é o hábito/necessidade de escrever, que é dado como justificativa para a constante “pressa”.

Segundo, consciente do seu talento e desejosa pela publicação da sua literatura, Carolina pode ter rasurado a expressão ‘contente’ para manter uma coerência do que relatava sobre si e seus pares, naquele dado momento. Pareceria incoerente registrar tamanha dificuldade vivida na favela e citar, sem a devida apresentação de uma justificativa, uma impressão de terceiros, que, marcadamente, contradiz o que registra.

¹⁸ Ibidem, p. 3.

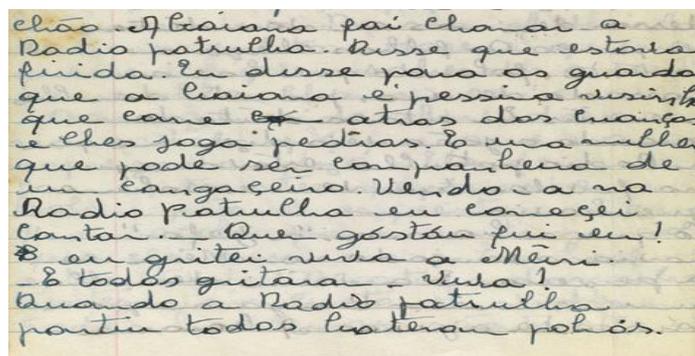
¹⁹ Ibidem, p. 11.

²⁰ Ibidem, p. 18.

²¹ Ibidem, p. 36.

Em contrapartida, nem a tristeza nem o isolamento na favela se apresentam como características absolutas da escritora, como pode ser constatado na passagem a seguir, que também apresenta duas das rasuras encontradas.

Figura 4:



(JESUS, 1958, p. 20)

Sobre as rasuras, levanta-se a hipótese de que a desistência do ‘com’ pode ser compreendida como escolha de organização da estrutura frasal, que poderia ser, hipoteticamente: [...] a baiana é péssima vizinha, que corre com pedras atrás das crianças. Já para a desistência da letra ‘B’, pode-se imaginar que a escritora desejasse intensificar a ação do grito com a expressão Bem alto, por exemplo, resultando em ‘Bem alto eu gritei viva a Mèiri’.

Quanto à discussão sobre tristeza e isolamento, verifica-se que os conflitos na favela eram constantemente registrados, sobretudo, no que posteriormente se constituiu a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960). Nesses registros, em geral, Carolina assume uma perspectiva apenas de observadora. Em alguns casos, como o mostrado na imagem do manuscrito, porém, há um envolvimento e uma sintonia com seus vizinhos. A surra dada por ‘Mèiri’ na moradora que Carolina nomeia como ‘baiana’, é um evento que movimenta a favela e que aproxima a vizinhança e, no fim, todos comemoraram, juntos, o desfecho do episódio.

Outro aspecto que reforça a ideia de que havia certo entrosamento entre a escritora e os vizinhos da favela é o fato de Carolina, constantemente, relatar os acontecimentos ocorridos no Canindé. Ora, ela passava boa parte do dia fora, no seu ofício de catadora, ou recolhida em seu barracão produzindo. Como saber, então, do que se passava na favela?

A referência a algumas pessoas no texto responde a essa questão. Informações eram constantemente compartilhadas pelas vizinhas Lêila e Dona Sebastiana, como se observa em: “A Lêila contou-me que a filha da Dona Doca esta prêsa porque o seu espôso lhe pegou em adultério com um baiano que tem 2 dentes de ouro”²². Ou em: “Fui perguntar a Dona Sebastiana porque é que a baiana estava brigando com a Meire”²³.

Outra explicação para o fato de Carolina estar sempre bem informada sobre os acontecimentos na favela deve-se ao seu perfil observador. Estar atenta à movimentação no Canindé lhe rendia fontes indiretas de informação, como no trecho: “Eu fiquei horrorizada quando ouvi as crianças comentando que o filho do senhor Joaquim Mathias foi na escola embriagado. É que o menino esta com 12 anos.”²⁴. Assim, pode-se pensar que Carolina não se mantinha

²² Ibidem, p. 6.

²³ Ibidem, p. 21.

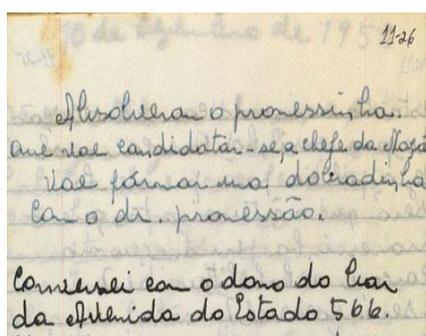
²⁴ Ibidem, p. 11.

totalmente isolada da vizinhança, até porque a precariedade de vida e a proximidade dos barracos dificultavam tal isolamento.

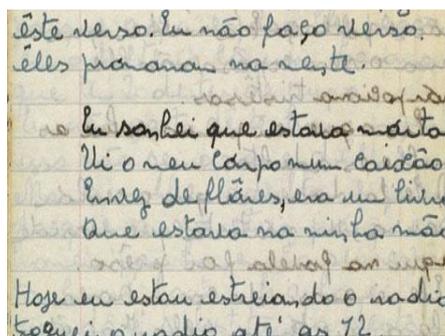
É interessante observar, também, a preocupação da escritora no máximo aproveitamento de papel para sua escrita, possivelmente, devido à escassez de material para a produção. Toda a extensão do papel é utilizada, inclusive o da margem esquerda. Nessa perspectiva, observou-se que nos 35 fólios analisados, apenas 19 linhas não foram aproveitadas para a escrita.

Entretanto, esse padrão não é seguido quanto ao aparecimento da escrita de quadras, o que acontece na página 8 e, parcialmente, na página 26. Margem e linhas são deixadas em branco para destacar a produção do gênero poético, como mostram as imagens abaixo. É possível confirmar, também, a numeração que aparece no canto superior esquerdo, como mencionado acima.

Figuras 5 e 6:



(JESUS, 1958, p. 26)



(JESUS, 1958, p. 8)

As quadras produzidas ao longo do registro da rotina diária, apontam para uma necessidade de produção poética de Carolina, como ela expressa verbalmente no primeiro dia de relato “[...] porque eu sou poetisa e vivo no lixo”²⁵. Em outras passagens do texto ela reitera seu hábito/necessidade pela leitura e escrita. “Era muito cêdo para eu ir comprar pão, resolvi escrever”²⁶, ou: “Respondi que é porque preciso escrever”²⁷.

No equilíbrio entre a realização do trabalho braçal e do intelectual, Carolina se mostra dona de opiniões fortes, muitas vezes polêmicas, como: “É a mulher que ama o seu espôso. não lhe párpociona tristêsas. - Eis o que eu penso sobre as mulheres adultas”^{28 29}, “Os paes tem que deixar de bater nos filhos quando êles ja se julgam homens. Nesta idade em vez de pancadas - criticas”³⁰, “Chinguei o tal Juscelino. O cavalo de troia do Brasil. Cheguei até pensar em mata-lo. Mas depôis pensei nos meus filhos.”³¹. “[...] quem rouba deve ser eliminado. A unica coisa que eu desêjo e que chegara o dia dos ladrões ser condenados a morte.”³².

Contudo, o dia a dia da escritora lhe permitia realizar reflexões sobre as condições sociais de si e dos seus pares e a materialidade ou não de gestos de solidariedade. Esses gestos vinham das senhoras que sempre lhe doavam, além de materiais para a venda, alimentos e itens de necessidade

²⁵ Ibidem, p. 8.

²⁶ Ibidem, p. 9.

²⁷ Ibidem, p. 10.

²⁸ Ibidem, p. 7.

²⁹ Acredita-se que se trate dos termos [proporciona] e [adúlteras], respectivamente.

³⁰ JESUS, C. Manuscrito: caderno de nº 11, 1958, p. 7.

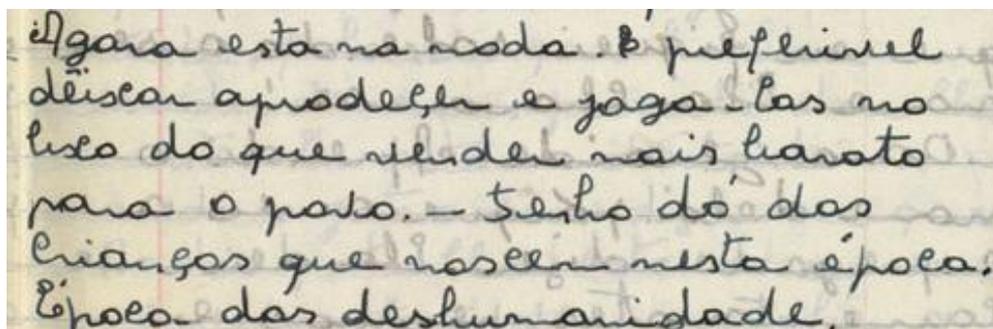
³¹ Ibidem, p. 27.

³² Ibidem, p. 37.

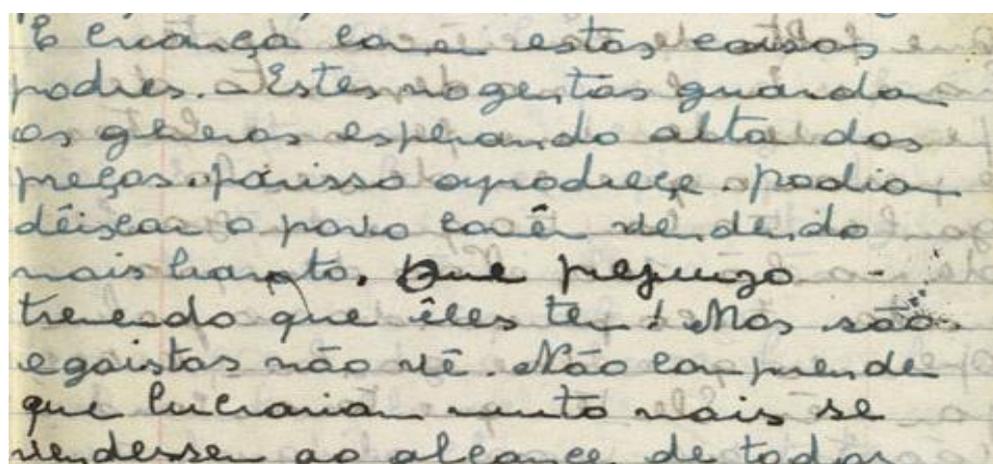
imediatamente: “[...] a vizinha da Dona Julieta deu-me doces e um pedaço de carne de porco”³³, “- dona Zenaide. Aprendi o nome dela porque ouvi a empregada dizer. Ela deu-me carne, tomates, pepinos e bolo e pão. e emprestou-me uma sacola para eu trazer o que ela deu-me”³⁴.

Na contramão de tal solidariedade, há registros e reflexões sobre gestos que a escritora classifica como desumanos.

Figuras 7 e 8:



(JESUS, 1958, p. 17)



(JESUS, 1958, p. 29)

Nos registros acima, Carolina não apenas relata os eventos, mas tece reflexões socioeconomicamente coerentes e conscientes. Viver no limite da miséria, mas sem abrir mão da produção intelectual, permitiu a Carolina Maria de Jesus não apenas produzir literatura e falar, em seus diários, da favela e/ou das condições sociais; permitiu que essa forte mulher negra marcasse na escrita sua forma de ser e de ver o mundo.

Não se pode deixar de ressaltar que as entradas do diário que são analisadas neste trabalho fazem parte da obra publicada em 1960 pela Editora Francisco Alves *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, mas o cotejamento das proximidades e distanciamentos entre o manuscrito autógrafo e a versão publicada é tarefa para uma outra discussão porque o desejo aqui fora de conhecer traços de Carolina por ela própria.

³³ Ibidem, p. 14.

³⁴ Ibidem, p. 18.

Os fortes quando decidem vencer, vencem: algumas considerações finais

Não seria difícil concordar que variados eventos, meios e instrumentos oportunizam o exercício de conhecer o Outro, e acredita-se que a literatura se constitui como uma relevante ferramenta para esse exercício, já que de posse da produção literária somos convidados a refletir tanto sobre a realidade, como sobre sua representação.

Os estudos da Crítica Genética têm permitido um mergulho na produção artística e literária, buscando compreender como ocorrem os processos de criação de obras por meio dos rastros deixados pelos artistas em seus manuscritos. E páginas de manuscritos atribuídas a Carolina Maria de Jesus não faltam; estipula-se que o quantitativo gire em torno de 5.000 páginas.

Entretanto, a grande motivação de analisar 35 páginas desse imenso quantitativo se deu pelo esforço de tentar conhecer Carolina, não pelo que falam suas biografias, mas pelo que sua escritura, sem tratamento de editoração, revela sobre ela. Obviamente que, por se tratar de entradas de um diário, alguns aspectos dessa tarefa tenham sido facilitados, mas era grande o desafio: conhecer Carolina em uma semana. Frequentemente é necessária uma vida inteira para se conhecer uma pessoa de fato.

Na busca por cumprir o desafio, observou-se que Carolina era madrugadeira, desinteressada em alimentar discussões banais, empenhada na realização tanto do seu trabalho braçal quanto intelectual, consciente da sua função enquanto agente social, organizada com seus manuscritos, dona de fortes posicionamentos, não tão isolada assim da vizinhança no Canindé e totalmente lúcida quanto à condição que ela e seus pares eram impelidos a viver.

Carolina Maria de Jesus é tudo isso e muito mais. Certamente suas milhares de páginas autógrafas podem revelar ainda mais da escritora sem os retoques dos processos de editoração. Cabe para isso, estar em trânsito, investigando mais uma semana carolina, mais uma e mais uma... Cabe investigar uma vida carolina!

Referências

- BARCELLOS, S. (Org.). **Vida por escrito: guia do acervo de Carolina Maria de Jesus**. Sacramento, MG: Bertolucci editora, 2015.
- BIASI, P. O horizonte genético. *In: ZULAR, Roberto (Org). Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002. p. 219-244.
- GRÉSILLON, A. **Alguns pontos sobre a história da Crítica Genética**. Estudos Avançados. São Paulo, USP, 1991, p. 7-18. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100002> Estud. av. vol.5 no.11 São Paulo Jan./Apr. 1991.
- GRÉSILLON, A. **Como constituir e ler um dossiê genético?** Elementos de crítica genética: ler os manuscritos modernos. Tradução Cristina de Campos Velho Birck et al.. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007 [1994]. p. 147-187.
- JESUS, C. **Provérbios**. s/e: s/l, 1963
- JESUS, C. **Manuscrito**: caderno de nº 11, 1958.
- JESUS, C. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.
- ZULAR, R. (Org). **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Recebido em: 31 de janeiro de 2019

Aceito em: 17 de setembro de 2019